

DOIS POEMAS DE ROLF JACOBSEN

A poesia de Rolf Jacobsen (n. 1907, Oslo) quase não é conhecida além das fronteiras da Noruega. Mesmo em seu próprio país seu nome raramente é mencionado, apesar de ser o único poeta norueguês verdadeiramente moderno antes de 1940. Seus versos fluentes ou contundentes evocam imagens da vida nas cidades e um espanto contido diante da natureza transformada pela técnica. Os poemas aqui traduzidos são do volume *Vrimmel*, de 1935. Jacobsen morreu em 1994.

Obra poética:

Jord og jern (Terra e ferro, 1933); *Vrimmel* (Multidão, 1935); *Fjerntog* (Comboio, 1951); *Hemmelig liv* (Vida secreta, 1954); *Sommeren i gresset* (O verão na relva, 1956); *Brev til lyset* (Carta à luz, 1960); *Stillheten efterpå* (O silêncio depois, 1965); *Dikt i utvalg* (Antologia poética, 1967).

Marcello Rolim Coelho

MAR ADENTRO

O navio
com as antenas zunindo
desenvolve-se da noite.
Ora paira livre no céu
girando como um globo
com os mastros abaixo rumo ao sol
e a quilha de minio
nadando larga sobre os olhos verdes das medusas.

O vento brinca nos conveses
com os botes salva-vidas, cabrestante e cordame.
O inferno das caldeiras
canta baixinho para a crosta do mar
e prensa o lastro de pratos, xales e
malas de couro
pelas águas de arco-íris rumo à Antuérpia.

Mas bem fundo sob a árvore de fumaça
que oscila no céu
vai a sombra negra do casco
tropeçando no fundo do mar
como um pé sobre peixes.

REALIDADE

O dia a que nos apegamos:
As lojas onde compramos roupas bonitas. As viagens
que um dia faremos.
A gente nas ruas. A chuva que cai na calçada ao entardecer:
 Sonhos.
A noite sem sono.
Preocupações com dinheiro.
A felicidade que não vem:
 Realidade.

Proteção contra assembléias ruidosas.
Rapidez.
O rugir das orquestras e os jornais sensacionalistas:
 Sonhos e sombras.
Os olhos do que pede.
As mãos do que tem frio.
As pisadas das multidões que vagam
famintas pelas grandes cidades:
 Realidade.

Os debates demorados e interessantes. Argumentos
(por um lado e pelo outro).
Cátedras, clérigos, fanfarras.
Os tambores, as cadências, a torrente que nos impele adiante:
 Sonhos.
Metralhadoras.
Prados sangrentos e lama. O grito com que
despertas à noite com dores.
A neve nos hospitais de campanha.
Valas comuns:
 Realidade.

O mato que cresce.
A relva que se curva suave ao vento.
A canção das ondas:
 Realidade.

Tradução de Marcello Rolim Coelho

MARCELLO ROLIM COELHO é formado em Engenharia Civil pela UnB. Atualmente trabalha para o Banco Mundial.